

Proximidade e Distância na Língua e Cultura

Bernd Sieberg & Mario Franco Barros (coord.)

Este livro surgiu com base nas comunicações apresentadas na Conferência ‘International Conference on Proximity and Distance in Language and Culture’, ocorrida a 3 e 4 de Dezembro de 2009, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

Proximidade e distância na gramática⁷

Vilmos Ágel

(Universidade de Kassel)

1. Objectivo e estrutura da comunicação

O objectivo da comunicação visa o estudo das ocorrências de proximidade e de distância numa área central da gramática, a saber, na área das conexões formais e das relações semânticas interproposicionais em textos. Esta importante área da estruturação textual, designada 'junção', pode ser considerada fulcral para a coesão de textos e para a identificação de 'tipos de texto' correspondentes.

Assim, cada 'análise de junção' de um texto empírico engloba também uma análise nos parâmetros da linguística textual, podendo ultrapassar a própria gramática nos domínios de 'proximidade e de distância', abrangendo também os domínios da estilística, da literatura, da cultura, da sociologia, da história, da filosofia, da semiótica e da psicologia.

Mas, mesmo no âmbito da linguística, nomeadamente da linguística textual, a investigação das conexões formais e das relações semânticas interproposicionais pode dar um contributo decisivo para os domínios da mudança linguística, da história da língua, da dialectologia, da sociolinguística da psicolinguística e até da linguística clínica, etc. O espaço limitado do meu artigo não me permite, infelizmente, abordar todas as potencialidades da "junção" nos domínios inter- e intra-disciplinar. Limito-me, portanto, ao meu objectivo central, isto é, a descrever, no essencial, o 'modelo de junção', deixando apenas uma nota acerca do potencial inter- e intra-disciplinar acima mencionado.

⁷ Dedico este texto ao meu colega e amigo Bernd Sieberg que, através da tradução do texto original alemão e por muitos comentários primorosos, proporcionou-me, quer a participação oral no congresso, quer a participação literal neste volume.

O meu artigo consiste em duas partes: A primeira parte visa caracterizar o conceito da junção em vários planos, tendo por base exemplos em língua portuguesa. Para alcançar este objectivo, utilizaremos como enquadramento teórico a investigação desenvolvida no âmbito da ‘Linguística Românica’, mais concretamente, o ‘modelo de junção’ do linguista alemão Wolfgang Raible (Raible 1992). A segunda parte, no entanto, tem por objectivo demonstrar os fundamentos da referida teoria à língua alemã.

2. Proximidade e distância na gramática escrita

A teoria linguística geral, em que o meu artigo se situa, é a teoria de falar de Eugenio Coseriu. No modelo de Coseriu, o conceito de ‘falar’ denomina todas as expressões verbais, sejam elas transmitidas graficamente ou foneticamente:

El hablar es una actividad humana universal que es realizada individualmente en situaciones determinadas por hablantes individuales como representantes de comunidades lingüísticas con tradiciones comunitarias del saber hablar. (Coseriu 1992, 86)

O termo ‘linguagem’ não corresponde a este sentido abrangente porque pertence a um paradigma onde ficam termos como por exemplo ‘linguagem dos jovens’, ‘linguagem política’, ‘linguagem da publicidade’ – designações para variantes ou variações linguísticas.

Remeto esta minha apresentação para os artigos de Hennig e de Sieberg que incidiram sobre o funcionamento do ‘modelo de proximidade e de distância’. Uma das conclusões básicas do modelo consiste na afirmação de que tanto a proximidade como a distância se realizam quer na escrita quer na fala.

Para dar um exemplo para esta afirmação, refira-se que embora a comunicação que proferi no congresso de Lisboa tenha baseado no meio oral, não pode ser considerado, de maneira alguma, como forma prototípica do ‘falar de proximidade’. Um outro exemplo aponta no sentido oposto, como é o caso de muitas mensagens de SMS escritas, como por exemplo as de um jovem à sua namorada, não correspondem, certamente, a uma forma típica do ‘falar de distância’.

Para evitar mal-entendidos, não queremos negar o papel importante do meio. Parece, portanto óbvio, considerar a ‘fala’ como meio primário do ‘falar de

proximidade' e a escrita como meio dominante do 'falar de distância'. Este tipo de análise tem, sobretudo, como objectivo principal, descrever índices de uma 'proximidade relativa', ou, na perspectiva oposta, de uma 'distância relativa' tendo em conta os pólos da proximidade e da distância. Registe-se que o meio secundário da proximidade é a escrita e o da distância é a fala.

O conceito de manifestação de proximidade ou então de distância no respectivo meio da comunicação secundário, não é, de maneira alguma, novo, sendo que o termo "elaborated orality" (Ong 1982) surgiu para designar as expressões de distância em culturas que são dominadas pela oralidade. É possível, portanto, proferir um texto oral do 'falar de distância', sem recorrer à escrita.

Pelo contrário, é do conhecimento geral que, em sociedades modernas orientadas para uma cultura da escrita, se pratica também uma comunicação de proximidade através deste meio. Foram, sobretudo, as tecnologias dos Novos Media que contribuíram de forma decisiva para este desenvolvimento.

A proximidade e a distância manifestam-se a vários níveis linguísticos, a nível textual, pragmático, estilístico, lexical e gramatical. Os conceitos básicos para uma análise a todos estes níveis têm como origem a linguística românica, com especial destaque para os estudos de Söll (1985), Koch e Oesterreicher (1985), Raible (1992). Uma vez que o meu artigo visa descrever a dimensão gramatical do fenómeno, vou basear-me, sobretudo na monografia de Raible "Junção. Uma dimensão da língua e das suas formas de se manifestar entre os pólos de agregação e integração" (Raible 1992). Raible entende por 'junção' a totalidade de técnicas gramaticais alternativas que têm como função determinar as relações semânticas existentes entre as proposições de um mesmo enunciado. De facto, todas as gramáticas de referência descrevem a semântica das relações interproposicionais em questão, sendo as mais importantes a relação copulativa, disjuntiva, adversativa, causal, concessiva, condicional, consecutiva e temporal. A estas acrescem como meios formais para marcar as relações (semânticas) interproposicionais as conexões (gramaticais) interproposicionais de coordenação e de subordinação.

Relativamente às línguas românicas, Raibe distingue oito tipos de junção, isto é, oito alternativas gramaticais para marcar as relações semânticas interproposicionais. Estes oito tipos são agrupados numa escala hierárquica, consoante o grau de coesão que se estende do pólo de uma coesão sintáctica integrativa máxima até ao pólo oposto de uma coesão sintáctica agregativa máxima. O processo que garante o grau

máximo de uma coesão agregativa é aquele que se produz sem qualquer recurso a meios formais. Pelo contrário, pode identificar-se o processo de uma coesão máxima de integração semântica mediante o recurso explícito a meios formais.

Em suma, a presença de estruturas agregativas é um indício gramatical fulcral de um enunciado do ‘falar de proximidade’, sendo que a vigência de estruturas integrativas indicia, pelo contrário, um enunciado do ‘falar de distância’.

Ao invés de descrever cada uma destas técnicas em pormenor, queria passar a exemplificar os conceitos básicos do modelo do Raible, tendo por base a análise de dois textos portugueses.

O primeiro excerto textual em análise foi tirado dum conto popular português (os junctores em ‘bold’)⁸:

[1] Uma vez, eram dois fradinhos que andavam a pregar pelo mundo

e

[2] anoiteceu-lhes no meio de um monte.

[3] Viram reluzir numa casinha.

[4] Foram lá bater

para

[5] os deixarem passar a noite.

Em primeiro lugar, salta à vista a facilidade de dividir o texto em proposições e junctores cuja função consiste em conectar estas proposições. Neste texto não há sobreposições entre junctores e representações verbais das proposições na mesma oração, com excepção do infinitivo pessoal, que se encontra inserido na oração [5]. O texto tem, portanto, uma ‘estruturação plana’.

Outra característica bastante visível do texto é a falta de elementos gramaticais explícitos para garantir a relação semântica entre as proposições [2] e [3] ou [3] e [4]. Na realidade, esta relação semântica existe, mas fica a cargo do leitor do texto no acto de leitura do mesmo. Raible designa esta operação de ‘justaposição’ ou ‘técnica gramatical 0’ em que a interpretação das relações semânticas interproposicionais do texto se processa na ausência de elementos gramaticais. Segundo o mesmo autor, trata-se da forma mais agregativa possível, isto é, pelo prisma oposto, trata-se da técnica menos integrativa possível de junção.

Registe-se que a ligação entre as proposições [1] e [2] mediante o conjuntor copulativo *e* se afigura mais integrativa, sendo, mesmo assim, fortemente agregativa.

⁸ “Os fradinhos pregadores”, 17.

Pode, pelo contrário, caracterizar-se como fortemente integrativa o processo de junção entre as proposições [4] e [5], uma vez que a construção de infinitivo flexionado que garante esta junção fica inserida na própria proposição da oração principal. A perda da autonomia gramatical da construção de infinitivo flexionado junto com a sobreposição do junctor com a representação verbal da proposição garantem um grau elevado de integração das duas proposições.

O segundo excerto textual em análise, que consiste em apenas uma frase, foi tirado de um livro sobre a geografia humana em Portugal⁹:

- [1] **Ao contrário** dos outros Estados europeus, cujos limites oscilaram frequentemente,
[2] **sob a influência de** guerras e tratados políticos, em muitos deles até ao nosso século,
[3] Portugal, que viu a sua independência garantida em meados do século XII, delineou no essencial as suas fronteiras cem anos mais tarde
e
[4] fixou-as definitivamente em 1297,
se
[5] **descontarmos** a ocupação de Olivença pelos Espanhóis, em 1801, que quase não trouxe modificações e não foi reconhecida pelas convenções internacionais da época.

Se bem que este segundo texto seja composto também por cinco proposições, distingue-se essencialmente do primeiro texto no que se refere ao processo de junção. Em primeiro lugar, não existe justaposição. Pode levantar-se alguma dúvida acerca desta minha afirmação, na base do argumento de que não há junctores entre as proposições [1] e [2], bem como entre [2] e [3]. De facto, gostaria de enfatizar que os junctores se encontram inseridos nas próprias representações verbais das respectivas proposições, garantindo, assim, a coesão das mesmas.

As proposições [1] e [2] estão interligadas pela ‘locução prepositiva causal’ *sob a influência de* e, a conexão da proposição [3] à proposição [1] fica a cargo da ‘locução prepositiva’ com significado adversativo *ao contrário de*. Queria também chamar a atenção do leitor para o facto de que, neste caso, ficam inter-relacionadas proposições não dispostas sequencialmente, um claro índice dum ‘falar de distância’.

As proposições [3] e [4] estão interligadas pelo junctor copulativo *e* e, a seguir, as proposições [4] e [5] pelo junctor condicional *se*, junto com a determinação *-mos* do infinitivo pessoal flexionado.

Em segundo lugar, destaca-se, neste texto, uma variedade de relações semânticas marcadas gramaticalmente. Ao invés do conto popular, em que ocorriam apenas duas

⁹ Medeiros 1976, 7.

relações marcadas gramaticalmente, uma relação copulativa e uma relação final, estamos, no caso do segundo texto, perante quatro tipos de relações interproposicionais: uma relação causal, uma adversativa, uma copulativa e uma condicional. Sendo assim, a interpretação da coesão semântica do texto não fica a cargo do leitor, mas antes é marcada explicitamente por elementos gramaticais do próprio texto.

Em terceiro lugar, o texto caracteriza-se por uma estrutura fortemente 'entrelaçada' e não 'linear'. As 'locuções prepositivas' encontram-se inteiramente inseridas nas representações verbais das proposições. Da mesma forma, encontra-se a determinação do infinitivo pessoal integrada na proposição. Excepção seja feita ao junctor *e*, que se encontra no meio de duas proposições.

Pode interpretar-se esta observação do seguinte modo: a marcação gramatical inequívoca das relações semânticas é necessariamente associada à uma estrutura de junção fortemente 'entrosada' ou, com outras palavras 'entrelaçada'. Esta estrutura dificulta, sem sombra de dúvida, a leitura, ou seja, a descodificação de um texto, mas fornece, em contrapartida, uma interpretação inequívoca do mesmo.

As 'locuções prepositivas' que se encontram inteiramente incorporadas nas orações possuem mais força integrativa do que as construções de infinitivo. Sendo assim, o segundo texto tem a) duas formas de junção extremamente integrativas, b) uma fortemente integrativa e c) uma junção fortemente agregativa.

Em suma, comparando a análise efectuada aos dois textos podemos concluir que, no conto popular, duas das cinco proposições estão interligadas mediante 'justaposições', para além da presença de uma conjunção e de uma construção de infinitivo flexionado. Trata-se, portanto, de duas conexões interproposicionais agregativas de grau máximo e de uma terceira de grau agregativo médio-forte, além de uma conexão com grau elevado de integração. No texto técnico de Geografia, em que figuram igualmente cinco proposições, estamos perante duas conexões interproposicionais extremamente integrativas, uma terceira muito integrativa e uma quarta inter-relação fortemente agregativa.

A relação entre os dois textos é, portanto, simetricamente oposta: Do ponto de vista da junção, o conto popular pode ser classificado como 'falar de proximidade' e o texto geográfico como 'falar de distância'. Parece, no entanto, óbvio que ambos os textos contêm tanto formas agregativas quanto estruturas integrativas.

De facto, é a perspectivização do potencial leitor, habituado a certas convenções textuais e convenções discursivas, que pré-determina os limites da produção textual de um autor. Seria, efectivamente, estranho, por um lado, encontrar contos populares ou *chats* que estivessem pejados de locuções prepositivas adversativas e causais e, por outro, encontrar textos técnicos repletos de justaposições. Seriam considerados bastante estranhos e, até mesmo chocantes, pelo leitor, dado que não corresponderiam à respectiva tradição discursiva.

No caso de textos literários estamos perante uma situação parcialmente diferente. O autor de um texto literário dispõe de mais liberdade na criação do seu texto, o que aponta para uma escolha consciente das respectivas técnicas de junção, bem como das respectivas relações semânticas interproposicionais. Podemos deduzir, por outro lado, que se faz uma escolha igualmente consciente dos meios gramaticais e semânticos que os autores decidiram não utilizar ao escrever os seus textos.

Assim, mediante interpretação dos motivos que levam um autor a utilizar ou não determinados meios gramaticais para a marcação de certas relações semânticas interproposicionais, a linguística consegue abrir um novo caminho para a compreensão adequada de uma obra literária. Por outras palavras, a linguística facultou um método novo para a interpretação e compreensão de uma obra literária.

O espaço escasso do meu artigo não chega para exemplificar uma tal interpretação com base num texto literário. Queria, no entanto, a partir de um pequeno recorte dum texto do José Cardoso Pires, mostrar que, apesar de o autor, na escolha dos seus meios linguísticos, ter tido teoricamente duas alternativas ao seu dispor, acabou por enveredar, no actual contexto estilístico e convencional, por uma única escolha de junção.

A forma original do texto¹⁰:

«Vá. Telefone para qualquer desses números e pergunte. Pergunte, não tenha medo. São tudo velhos, tudo tipos que não fazem nada. Nada, percebeu agora?»

Uma reformulação do texto (os junctores inseridos em ‘bold’) :

«Vá. Telefone para qualquer desses números **para** perguntar. Não tenha medo **de** perguntar. **Porque** são tudo velhos, tudo tipos que não fazem nada. Nada, percebeu agora?»

O texto original afigura-se de cariz meramente aditivo, sendo que a relação copulativa fica apenas uma vez marcada pelo conjuntor *e*, pelo que o resto das

¹⁰ Pires 1985, 122.

relações são realizadas por justaposição. Esta micro-estrutura gramatical representa a função expressiva e apelativa do texto, cuja estrutura consiste numa sequência de afirmações directas, numa forma icónica. Só ao fim surge uma justificação (para o ‘não é necessário ter medo’) que igualmente fica sem conexão explícita. A justaposição, a estrutura linear do ‘turn’ não é interrompida, ou seja, a homogeneidade estilística e a progressão temática linear permanecem na mesma.

A reformulação do texto, embora gramaticalmente correcta, parece estilisticamente desajeitada e até gramaticalmente algo estranha, dado que uma parte do diálogo – forma genuína de uma comunicação de proximidade – tem marcas de uma fala de distância. Além disto, esta forma de proximidade torna-se sobrecarregada de relações semânticas interproposicionais que, em vez de facilitar a descodificação e interpretação do enunciado, dificultam a compreensão do mesmo. É também a progressão temática não motivada que contribui para este efeito perturbador: as duas frases imperativas (*pergunte* e *Pergunte*) são retiradas da progressão normal do texto e ficam na parte remática da enunciação. Desaparece, portanto, a coincidência entre forma e conteúdo e fica desfeita a representação icónica do conteúdo textual.

3. O modelo da junção na língua alemã

A segunda parte do meu artigo visa exemplificar a teoria da junção aplicada ao alemão. A descrição pormenorizada do modelo na sua integra, bem como a descrição da sua operacionalização, isto é, a demonstração da sua aplicabilidade em textos, figuram em duas publicações em alemão (Ágel 2010 e Ágel/Diegelmann 2010).

3.1 Classes de junctores

A conexão interproposicional, caracterizada por um elevado grau de integração ou, pelo contrário, por um cariz agregador, depende de vários factores. É possível descrever o grau desta coesão a um nível menos abstracto relativamente a uma língua específica ou, a um nível de abstracção mais elevado, relativamente a um conjunto de várias línguas. O factor ‘subordinação’, por exemplo, situa-se a um nível universal, ao invés do factor ‘infinitivo pessoal’, um elemento específico, típico do português.

Se a teoria de junção contemplasse exclusivamente o nível mais abstracto, em que se incluem factores como ‘coordenação’ e ‘subordinação’, o modelo não chegaria a

descrever as particularidades que distinguem uma língua de outra. Se a teoria, por outro lado, contemplasse apenas especificidades de uma só língua, não seria possível comparar diversas línguas pelos mesmos parâmetros.

Este argumento justifica a bidimensionalidade de uma teoria de junção que abrange quer estruturas presentes em várias línguas, quer aspectos específicos presentes apenas em determinadas línguas. Ao nível de uma descrição geral de estruturas presentes em várias línguas refiro-me, por um lado, às 'classes de junção', categoria que engloba, por exemplo, o princípio 'subordinação'. Refiro-me, por outro lado, no âmbito de uma descrição de aspectos específicos de uma língua às 'técnicas de junção', categoria a que pertence, por exemplo, a construção de infinitivos flexionados. Ao nível das 'classes de junção', elaborei a distinção em quatro classes:

- I. Coordenação
- II. Subordinação
- III: Incorporação
- IV: Unificação

Estas classes de junção distinguem-se – de cima para baixo – pelo seu grau da integração. Os seguintes exemplos servem para exemplificar cada uma destas classes¹¹:

- I. Coordenação
Peter geht nicht zur Schule. Er ist **nämlich** krank.
O Pedro não vai à escola. [**Pois**] ele está doente.
- II. Subordinação:
Weil Peter krank ist, geht er nicht zur Schule.
Porque / como o Pedro está doente, não pode ir à escola.
- III. Incorporação:
Wegen seiner Erkrankung kann Peter nicht zur Schule gehen.
Por causa da sua doença o Pedro não pode ir à escola.
- IV. Unificação:
Dass er krank ist, **ist der Grund dafür**, dass Peter nicht zur Schule gehen kann.
Estar doente é **a razão** pela qual o Pedro não pode ir à escola.

Partindo do pressuposto de que os princípios da coordenação e da subordinação são conhecidos, quero abordar somente a incorporação e a unificação. No caso de uma incorporação, uma das proposições é nominalizada e inserida como sintagma preposicional (*wegen seiner Erkrankung*) dentro da representação verbal de outra proposição. A incorporação tem como consequência um grau de integração superior do que a subordinação, porque o sintagma preposicional, que proporciona a

¹¹ traduções à letra

proposição subordinada, tem menos ‘autonomia gramatical’ do que uma oração subordinada ou do que uma construção de infinitivo.

No caso de uma ‘unificação’, as duas proposições ficam ‘unidas’ através de uma expressão predicativa (*ist der Grund dafür*). O grau de integração é tão forte que o junctor figura como o centro da oração, tornando-se mesmo na oração principal, ao contrário das restantes proposições que sofrem uma degradação gramatical. Este facto justifica a posição destacada do grupo dos ‘junctores unificantes’ que se distinguem dos outros junctores que pertencem a classes de palavras sem flexão.

3.2 Certas técnicas de junção através do exemplo da coordenação

No alemão actual existem mais do que 40 técnicas de junção. Em relação à subordinação, é apenas possível estimar o número das técnicas disponíveis, mas não é possível uma quantificação exacta:

- I. Coordenação: seis técnicas
- II. Subordinação: por volta de 30 técnicas
- III. Incorporação: quatro técnicas
- IV. Unificação: três técnicas

Uma teoria da junção que visa classificar esta quantidade elevada de técnicas disponíveis – utilizando como critério desta classificação o grau da agregação ou seja da integração – deve proporcionar uma descrição pormenorizada dos factores que são determinantes para a diferenciação destas técnicas. O objectivo consiste não apenas em criar um escalonamento de classes, mas sim criar um escalonamento dentro de cada uma destas classes, ordenando todas as técnicas desta categoria por ordem crescente do grau de integração presente na respectiva técnica. É também obrigatório determinar os factores responsáveis pelo grau da integração, bem como pela agregação. No caso concreto da coordenação, podemos descrever três factores determinantes para determinação do grau de integração bem como de agregação:

- 1. a classe de palavras dos junctores: conjuntor ou partícula ou advérbio;
- 2. a posição dos junctores;
- 3. a presença ou ausência (+/-) de junctores geminados ou simples

Em relação à língua alemã, torna-se fulcral o factor da posição dos junctores, de acordo com a tabela a seguir:

Oração 1	Posição entre	Oração 2
----------	---------------	----------

		orações					
			Campo sintático anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintático interior	Parêntese oracional direito	Campo sintático posterior
1.	Er ist stark Ele é forte	aber mas	Sie ela	ist é		klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte, mas ela é mais inteligente do que ele.							
2.	Er ist stark Ele é forte		Sie ela	ist é	aber mas	klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte, mas é ela que é mais inteligente do que ele.							
3.	Er ist stark Ele é forte		jedoch porém	ist é	sie ela	klüger mais inteligente	als er. do que ele
Ele é forte. Porém ela é mais inteligente do que ele.							

A ordem linear das orações alemãs é determinada pela estrutura do predicado. Este consiste regularmente em duas partes que são chamadas parênteses oracionais, pois dividem a estrutura linear em três campos sintáticos: o campo sintático anterior que se localiza antes do parêntese oracional esquerdo, o campo sintático interior que fica entre os parênteses e o campo sintático posterior que está situado logo após o parêntese oracional direito. Os campos sintáticos proporcionam graus distintos de integração das proposições.

Todas as três formas de inter-relacionar as proposições destas orações têm, de ponto de vista semântico, um sentido adversativo, porque marcam uma oposição e pertencem, portanto, à mesma classe. Todavia verificamos – de cima para baixo dos exemplos – um grau crescente de integração das proposições:

1. A conexão interproposicional com menos força integrativa, isto é, com o grau mais forte da agregação, existe no caso da inter-relação introduzida pelo conjuntor *aber*. Os conjuntores ficam posicionados entre as orações, não se encontrando integrados nos campos sintáticos nem da primeira, nem da segunda oração. Conseqüentemente, estamos, no exemplo 1, perante a ocorrência com maior capacidade agregadora para criar uma conexão interproposicional.
2. O junctor na forma da partícula *aber* fica integrado num dos campos sintáticos da segunda oração. Mais explicitamente, *aber* está no campo sintático interior. O exemplo 2 tem, portanto, um grau de integração mais elevado do que o tipo 1.
3. O junctor-adverbial *jedoch*, no exemplo 3, fica, não apenas integrado nos campos sintáticos da segunda oração, mas está posicionado no campo

sintáctico anterior desta oração. Uma vez que o campo sintáctico anterior coincide com a posição de tópico, ocupando a posição que melhor pode garantir a inter-relação sintáctica-semântica-textual com a oração anterior. o tipo 3 tem o grau de integração mais elevado.

Os exemplos mostram que o factor ‘classe de palavra do junctor’ depende parcialmente do factor ‘posição do junctor’: Ao contrário dos conjutores, que nunca estão integrados nos campos sintácticos de uma oração, as partículas e advérbios estão integrados nesta estrutura. O campo sintáctico anterior pode ser ocupado exclusivamente por advérbios mas não por partículas que, por seu lado, apenas podem ocupar a posição de um campo sintáctico interior da oração.

O terceiro factor da integração é o ‘junctor geminado ou simples’. A importância deste factor em relação à junção encontra eco na expressão alemã *Doppelt genäht hält besser* (= quanto mais melhor): Assim como uma ‘costura dupla’ garante mais solidez, também os junctores geminados garantem uma maior integração do que os simples.

Comparemos um exemplo em que figuram junctores concessivos geminados *zwar...doch*¹² com uma paráfrase em que substituiremos os junctores geminados por um junctor simples.

- (1a) [Zwar werden ... die Zielsetzungen der Betriebe unterschiedlich sein...]¹
De facto, os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
[doch wird jede dieser Zielsetzungen ... realisiert werden]²
Contudo, todos os objectivos serão alcançados.
- (1b) [die Zielsetzungen der Betriebe werden unterschiedlich sein]¹
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
[doch wird jede dieser Zielsetzungen realisiert werden]²
Contudo, todos os objectivos serão alcançados.

A tabela a seguir mostra a estrutura linear dos tipos (1a) e (1b):

	Oração 1				Posição entre orações	Oração 2			
	Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito		Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito
(1a)	zwar	werden	Die Zielsetzungen der Betriebe	unterschiedlich sein		doch	wird	jede dieser Zielsetzungen	realisiert werden

¹² Exemplo de Diegelmann 2008, 25.

De facto, os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados									
(1b)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden		unterschiedlich sein		doch	wird	jede dieser Zielsetzungen	realisiert werden
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados									

No exemplo (1a), o juncor tem uma forma geminada. Ambas as partes são adverbiais, a primeira (*zwar*) está no campo sintáctico anterior dentro da primeira oração e a segunda parte (*doch*) no campo sintáctico anterior da segunda oração. No exemplo (1b), o juncor é simples (*doch*). Ele é adverbial e está no campo sintáctico anterior dentro da segunda oração. No caso do exemplo (1a), a forma geminada é claramente mais integrativa do que (1b).

A complexidade do problema da agregação bem como o da integração emerge do facto de o factor ‘+/-geminção’ poder aparecer em diferentes combinações na estrutura sintáctica. Partindo do exemplo (1a) também seriam possíveis as seguintes variantes:

- (1c) [die Zielsetzungen der Betriebe werden *zwar* unterschiedlich sein]¹
É verdade que os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
doch [jede dieser Zielsetzungen wird realisiert werden]²
Contudo todos os objectivos serão realizados
- (1d) [die Zielsetzungen der Betriebe werden unterschiedlich sein]¹
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos.
doch [jede dieser Zielsetzungen wird realisiert werden]²
Contudo todos os objectivos serão realizados

	Oração 1				Posição entre orações	Oração 2			
	Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito		Campo sintáctico anterior	Parêntese oracional esquerdo	Campo sintáctico interior	Parêntese oracional direito
(1c)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden	<i>zwar</i>	unterschiedlich sein	doch	jede dieser Zielsetzungen	wird		realisiert werden
É verdade que os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados.									
(1d)	die Zielsetzungen der Betriebe	werden		unterschiedlich sein	doch	jede dieser Zielsetzungen	wird		realisiert werden
Os objectivos das empresas não são/serão os mesmos. Contudo, todos os objectivos serão alcançados.									

No exemplo (1c), o juncor tem novamente uma forma geminada. Mas é só a primeira parte (*zwar*) que é adverbial. Ao contrário do que acontece na primeira parte do exemplo (1a), *zwar* não se encontra inserido no campo sintáctico anterior, mas sim no

campo sintáctico interior da primeira oração. A segunda parte (*doch*) é conjuncional e encontra-se posicionada entre ambas as orações. Finalmente, no exemplo (1d), o junctor tem uma forma simples (*doch*). Mas ao contrário do que sucede no exemplo (1b), *doch* não é adverbial e encontra-se posicionado entre ambas as duas orações.

A seguinte matriz resume as características dos junctores dos quatro exemplos anteriores, encontrando-se os exemplos ordenados, como de costume, por grau crescente da sua força integrativa:

Exemplo	Geminação/	Tipo de palavra	Campo sintáctico anterior ₁	Campo sintáctico anterior ₂	Campo sintáctico interior ₁	Posição entre as orações
(1d)		Conjuntor				+
(1b)		Advérbio		+		
(1c)	+	Advérbio + Conjuntor			+	+
(1a)	+	Advérbio + Advérbio	+	+		

Duma forma geral, podemos afirmar que a junção geminada sempre tem uma força integrativa superior a uma forma simples. E, como o campo sintáctico anterior da oração dispõe de uma força mais acentuada de integração, o exemplo geminado (1a) é mais integrador do que o exemplo geminado (1c). Por esta razão, no caso das junções simples, o tipo (1b) é mais integrador do que o tipo (1d). Este, pelo seu lado, é o mais agregador dos exemplos acima referidos.

4. Conclusão

Só foi possível apresentar uma pequena parte da totalidade do modelo de junção, nomeadamente, as técnicas mais importantes de junção da coordenação. Podemos dizer que este tipo de junção tem um grau médio de dificuldade. A subordinação afigura-se bastante mais complexa, sendo que a incorporação e a unificação são um pouco mais fáceis de compreender.

Mas, de facto, a tarefa mais difícil é estabelecer uma relação entre todas as técnicas e categorias de junção, a fim de proporcionar operacionalidade (aplicabilidade) ao modelo de agregação e de integração. Por ‘operacionalidade’ entendo a elaboração dum sistema de pontuação para poder efectuar a classificação de textos numa escala organizada em torno dos pólos de agregação e de integração. Portanto, a operacionalidade permite uma quantificação exacta, quer do grau de agregação quer do grau de integração dum texto.

Assim, a cada texto pode ser atribuído um *valor juncional* (= *Junktionswert*), valor que permite verificar, de uma forma aproximada, a orientação sobre o grau da coesão sintáctica de um texto por meio de uma análise das relações semânticas interproposicionais do mesmo. É obvio que este valor juncional não pretende substituir as análises concretas das conexões formais e das relações semânticas de um dado texto, mas constitui um contributo importante para uma classificação aproximada do mesmo. Com base na teoria juncional e na sua operacionalização, podem realizar-se diferentes tipos de análises textuais-gramaticais. Procurei, no meu artigo, demonstrar, com base nos exemplos em língua portuguesa acima analisados, o carácter e a importância deste tipo de análise linguística.

Referências bibliográficas

1. Fontes

„Os fradinhos pregadores“. In: *Contos populares portugueses. Antologia. Organização e prefácio de Viale Moutinho*. Publicações Europa-América.

Carlos Alberto Medeiros: *Portugal. Esboço breve de geografia humana*. Lisboa: Coleção Pequenos brevíários de cultura 1976.

José Cardoso Pires: *Jogos de Azar*. Lisboa: O Jornal 1985.

2. Obras citadas

Ágel, Vilmos. 2007. Was ist »grammatische Aufklärung« in einer Schriftkultur? Die Parameter »Aggregation« und »Integration«. In: *Was heißt linguistische Aufklärung? Sprachauffassungen zwischen Systemvertrauen und Benutzerfürsorge*. Editado por Helmuth Feilke, Clemens Knobloch e Paul-Ludwig Völzing. Heidelberg: Synchron (Wissenschaftskommunikation 1), 39-57.

Ágel, Vilmos. 2010. Explizite Junktion. Theorie und Operationalisierung. In: *Historische Textgrammatik und Historische Syntax des Deutschen. Traditionen, Innovationen, Perspektiven*., Editado por Arne Ziegler. Berlin: de Gruyter.

Ágel, Vilmos e Carmen Diegelmann. 2010. Theorie und Praxis der expliziten Junktion. In: *Nähe und Distanz im Kontext variationslinguistischer Forschung*. Editado por Vilmos Ágel e Mathilde Hennig. Berlin: de Gruyter, 347-396.

Ágel, Vilmos/Mathilde Hennig (eds.) (2006). *Grammatik aus Nähe und Distanz. Theorie und Praxis am Beispiel von Nähetexten 1650-2000*. Tübingen: Niemeyer.

Coseriu, Eugenio. 1992. *Competencia linguistica: elementos de la teoria del hablar*. Elaborado y editado por Heinrich Weber; version española de Francisco Meno Blanco. Madrid: Gredos.

Diegelmann, Carmen. 2008. *Junktion in Wirtschaftstexten. Ausdruck von Inhaltsrelationen zwischen Integration und Aggregation*. Diplomarbeit. Universität Kassel.

- Koch, Peter e Wulf Österreicher. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanisches Jahrbuch* 36, 15-43.
- Ong, Walter J. 1982. *Orality and Literacy. The Technologizing of the Word*. London: Methuen & Co.
- Polenz, Peter von. 1985. *Deutsche Satzsemantik. Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*. Berlin/New York: de Gruyter (Sammlung Götschen 2226).
- Raible, Wolfgang. 1992. *Junktion. Eine Dimension der Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Heidelberg: Winter (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse 1992/2).
- Sieberg, Bernd. 2008. *Apresentação do Projecto de Investigação ‚Lingua Falada‘*. Manuscrito. Lisboa.
- Söll, Ludwig. 1985. *Gesprochenes und geschriebenes Französisch*. Berlin: Schmidt (Grundlagen der Romanistik 6).